
Conforme o narrador, a história se constrói

Quênia Regina Santos¹

Universidade Federal do Rio grande do Sul - UFRGS

RESUMO: Este artigo tem como objetivo a análise do narrador em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e em *O primo Basílio*, o que nos viabiliza observar se aparece nestes a função hermenêutica, que garante ao leitor possibilidades de sentido em sua interpretação. Sendo o narrador um mediador, um agente responsável pela anunciação e o que pode tornar a narrativa verossimilhante, sua escolha por parte do autor pode desempenhar papel fundamental na receptividade da obra. Portanto, ao estabelecer que seu narrador será em primeira ou terceira pessoa, o autor define o grau de participação do narratário.

PALAVRAS-CHAVE: Narrador, Hermenêutica, Narratário, Machado de Assis, Eça de Queirós.

ABSTRACT: This article has as an objective the analysis of the narrator in "The Posthumous Memoirs of Bras Cubas" and in "Cousin Basilio". Which enables us to observe if the hermeneutic function appears on these and allows the reader the possibilities of meaning in their interpretation. Being the narrator a mediator, an agent responsible by the annunciation and the one that can turn it into a verisimilar narrative. The author's choice can play a fundamental role in the work's receptivity. Therefore by establishing that the narrator will be the first or third person the author defines the level of the narratee's participation.

KEYWORDS: Narrator. Hermeneutics, Narratee, Machado de Assis, Eça de Queirós.

O estudo do narrador como elemento estrutural do discurso narrativo promoveu novas análises de romances a partir da metade do século XIX, quando alguns estudiosos elaboraram as características do Romance como gênero literário em suas considerações sobre a literatura. De acordo com Saraiva², “a narrativa, sob qualquer uma de suas configurações – epopeia, romance, conto, novela, crônica -, comporta, como discurso, três elementos nucleares: o narrador, o acontecimento narrado e o receptor do relato”. O narrador, portanto, foi definido como componente importante, com especificidades, da narrativa romanesca. É ele o mediador, o agente responsável pela anunciação, o que pode tornar a narrativa verossimilhante.

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Especialista em Literatura de Línguas Brasileira e Portuguesa e mestranda em Literaturas Luso-africana e Portuguesa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e-mail:queniar@hotmail.com, Porto Alegre, RS - Brasil

² SARAIVA, Juracy Assmann. *O estatuto do narrador*. In: _____ O circuito das memórias em Machado de Assis. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993, p. 25.

No entanto, é um componente fictício, sendo, por vezes, confundido com o autor. Assim, segundo Bakhtin³, “um autor pode usar o discurso de um outro para seus fins (...). Nesse caso, esse discurso, conforme a tarefa, deve ser sentido como o de um outro”.

Segundo Reis⁴, “a função enunciativa do narrador (e também os juízos subjectivos que formula) permite postular a existência de um destinatário do acto narrativo que é o narratário”. Conforme conduz a narrativa, o narrador pode estabelecer conexões diretas ou indiretas com o leitor, questionando e trazendo-o a participar de suas análises psicológicas e, talvez, realistas acerca dos momentos vividos pelas personagens e da influência dos acontecimentos históricos sobre elas e, por conseguinte, sobre o processo enunciativo, “fazendo o receptor atuar como intérprete e também como identificador do narrador”, de acordo com Saraiva⁵.

Conforme a autora, “o grau de participação do narratário varia”, pois o narrador

pode se dirigir ao narratário expressa ou tacitamente: no primeiro caso, o narratário é invocado diretamente; no segundo, sua presença se revela apenas no discurso, que registra as reações do narrador diante de seu intérprete, seja ele intradieгético ou extradieгético⁶.

Desta forma, a escolha do narrador por parte do autor pode desempenhar papel fundamental na receptividade da obra, tendo em vista que ele pode influenciar ou não o leitor com suas considerações implícitas e explícitas. Neste sentido, Saraiva⁷ fala que “a dupla possibilidade do modo narrativo, permitindo ao narrador não apenas narrar, mas também transpor as palavras dos agentes, exhibe-se, então, diluída, atuando de forma sutil sobre a receptividade”. Por estabelecer, portanto, que seu narrador será em primeira ou terceira pessoa, o autor define o grau de participação do narratário.

Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, nos apresenta um defunto-autor autobiográfico, que se torna livre para externar seus pensamentos e dilemas. Por outro

³ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 216

⁴ REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p.355.

⁵ SARAIVA, Juracy Assmann. *O estatuto do narrador*. In: _____ O circuito das memórias em Machado de Assis. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993, p. 37.

⁶ Idem, p. 27.

⁷ Idem, p. 37.

lado, Eça de Queirós, em seu *O primo Basílio*, criticado por Machado na revista *O Cruzeiro*, de 1878, nos traz um narrador em terceira pessoa, disposto a investigar todos os detalhes que cercam o jovem casal Luísa e Jorge, além do terceiro do trio, Basílio.

Assim, na construção de um narrador em primeira pessoa, Machado cria um vínculo entre o autor e o narratário, seja este intra ou extradiegético, induzindo-o a várias reflexões, o que ocorre dificilmente com narradores em terceira pessoa, como o de Eça de Queirós. Desta maneira, a análise do narrador em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e em *O primo Basílio* viabiliza-nos observar se aparece nestes a função hermenêutica, que garante ao leitor possibilidades de sentido em sua interpretação.

Enquanto agente do relato, o narrador de Machado define sua situação já no prólogo e informa que suas memórias são contadas após tê-las vivido, após sua morte, distanciando-se assim de sua vida a ponto de melhor analisá-la, novidade apresentada por Machado, pois seu defunto-autor se torna autêntico e autorizado naturalmente a falar sobre sua vida passada. Segundo Saraiva⁸, “Brás Cubas não posterga a morte, mas, transpondo-a, faz dessa passagem o princípio orientador do narrar”. Também, por ser o protagonista de seu relato, o narrador situa o leitor nesta condição ficcional já estabelecida e incondicionalmente inalterável, autorizando-se a criticar ou amenizar seus erros, elogiar os que considerava acertos e creditar a si muitos méritos por suas atitudes do passado, tentando, por vezes, convencer o leitor a também pensar desta forma.

Pode-se deduzir que o narrador autobiográfico de Machado é criado para o fim último de narrar livremente e influenciar o leitor com suas considerações acerca das personagens e dos acontecimentos envolvendo estas, o que o diferencia do narrador de Eça de Queirós em *O primo Basílio*, cujo olhar heterodiegético analisa e informa o leitor sobre os acontecimentos da trama Queirosiana, pois, em sua construção, de acordo com Reis e Milheiro⁹, Eça privilegiou a forma com que o narrador trata as personagens, o qual as descreve em seus aspectos ideológico, cultural e psicológico, comum ao Naturalismo. Nesse sentido, a função hermenêutica deste narrador fica alterada ou até nula, tendo em vista que conhecemos as personagens pelo olhar único deste narrador construído em terceira pessoa.

Em várias passagens de *Memórias póstumas*, Brás Cubas confessa seus pecados sem se sentir constrangido, mas deixa que o leitor decida acerca de algumas colocações suas, ou

⁸ SARAIVA, Juracy Assmann. *O estatuto do narrador*. In: _____. O circuito das memórias em Machado de Assis. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993, p. 47.

⁹ REIS, Carlos; MILHEIRO, Maria do Rosário. *A construção da narrativa Queirosiana*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa: 1989.

trata de algum assunto iniciado mais adiante na narrativa, fazendo com que o narratário fique curioso e com o pensamento pré-ocupado com o que ocorrerá, ou melhor, com o que ocorreu na vida do protagonista da história e como ele narrará tal episódio, o que sugere que é este narratário que interpretará sua condição moral, cultural e psicológica, dentre outras, como é verificado na passagem seguinte, quando a vaidade da personagem vem à tona:

(...)o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressa nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: “Emplasto Brás Cubas”. Para que negá-lo. Eu tinha paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas(...) De uma lado, filantropia e lucro; do outro lado, sede de nomeada. Digamos: amor de glória¹⁰.

Após algumas considerações sobre seus tios, um militar e o outro cônego, e suas colocações sobre o que era genuíno em um homem, o narrador deixa a escolha para o leitor ao dizer que “decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto”¹¹.

Já Luíza, personagem de Eça de Queirós, em *O primo Basílio*, tem sua personalidade traduzida por seus atos e posturas diante de circunstâncias pessoais e sociais que o narrador antecipa ou informa ao narratário, como sua rotina doméstica, seus encontros sociais e sua relação com Jorge, além de seus monólogos interiores, quando, de acordo com Reis¹² ”o narrador assume-se como destinatário imediato de reflexões e evocações enunciadas na privacidade da sua corrente de consciência”. O leitor, narratário extradiegético, recebe, neste caso, as informações do narrador, sob sua ótica, sem ser necessário, por vezes, interpretar os resultados das ações das personagens, como acontece com a narrativa a seguir, cujo uso do substantivo diminutivo “coisinhas” sugere a intenção do narrador em definir o caráter de Luíza como fútil, sonhador e romântico, como ela é descrita em função de suas leituras de romances:

Esteve a olhar amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: - em meias

¹⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 17.

¹¹ Idem, p. 18.

¹² REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p.356.

de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera.¹³

Na crítica de Machado ao livro de Eça de Queirós, a personagem Luíza foi categoricamente julgada como não tendo verdade moral, como não sendo dona de seus atos. Muitas vezes, neste sentido, o narrador, responsável pela anunciação, nos apresenta Luíza como alguém que vive conforme os acontecimentos, pois não há coerência em sua postura. Esta atitude é observada no início de seu romance com Basílio, quando ela não reage à sua investida no primeiro momento, deixando para esquivar-se após sucumbir ao seu contato, o que define sua fraqueza de caráter:

Luíza escutava-o imóvel, a cabeça baixa, o olhar esquecido; aquela voz quente e forte, de que recebia o bafo amoroso, dominava-a, vencia-a; as mãos de Basílio penetravam com o seu calor febril a substância das suas, e tomada duma lassidão, sentia-se como adormecer¹⁴.

Brás Cubas, por outro lado, possui atitudes coerentes, pois vive de acordo com seu tempo e sua posição social, e suas experiências o levam a definir o que quer e o que não quer em sua vida. Como próprio observador e narrador dessas experiências, ele deixa o narratário analisá-las e acerca delas formar opiniões, pois narra com a ironia de quem não faz parte da história, por ser autor-defunto e não ter nada a perder, pois o que passou vira material de análise, ou seja, experiência.

Assim, de acordo com Bakhtin:

A posição da qual se narra e se constrói a representação ou se comunica algo deve ser orientada em termos novos em face desse mundo novo, desse mundo de sujeitos investidos de plenos direitos, e

¹³ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria. *O primo Basílio*. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 17.

¹⁴ *Idem*, p. 103.

não de um mundo de objetos. Os discursos narrativo, representativo e comunicativo devem elaborar uma atitude nova em face do objeto¹⁵.

E é este narrador livre, irônico e, por vezes, cômico, que nos remete ao gênero sério-cômico explorado por Mikhail Bakhtin, em que as personagens enxergam o mundo através das experiências vividas e da consciência. O narrador das memórias de Brás Cubas avisa o leitor sobre o viés reflexivo e filosófico de seu livro, num tom mais irônico do que interessado no que o leitor irá pensar e preocupado somente com o que lhe era importante, sem a menor modéstia, já que para um defunto-autor não é necessário. Ao mesmo tempo em que ele conversa com seu narratário, ele adverte dizendo:

(...)não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos na parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado¹⁶.

Esta conversa com o narratário, intérprete do enunciado, é sinal de que as intenções deste narrador são estimular, informar e direcionar o leitor a seguir seu raciocínio, entender suas queixas e desculpas, assim como saudar suas conquistas e sofrer com suas derrotas, ou seja, aceitar sua visão de mundo após a morte e deixar-se influenciar por ela. De acordo com Saraiva:

A ausência de neutralidade conjuga-se à onisciência e permite-lhe usufruir a liberdade e autonomia para dar vazão aos juízos de valor e atuar sobre o destinatário como uma consciência narradora, cujo saber

¹⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 6.

¹⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 20.

se apoia na distinção radical entre passado e presente e, por isso, lhe garante o direito de contar e de ajuizar sobre ambos¹⁷.

No capítulo intitulado *O delírio*, ao encontrar a mãe natureza, ela lhe apresenta o estatuto universal que move a humanidade, numa clara crítica do autor a esta situação tão notável em todas as épocas, na qual o homem é um ser que visa ao seu próprio bem e busca de todas as formas alcançá-lo, mas que, ao chegar nas condições do narrador Brás Cubas, observa que muito do que buscou era pura vaidade, uma característica comum aos pecados capitais vislumbrados por Brás neste encontro. Ao ser questionada, a natureza responde:

“Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha”¹⁸.

Ao mostrar a realidade das intenções humanas, a natureza é cruel, mas sábia, pois o instinto de sobrevivência está em todos. No entanto, quando os homens esbarram com ele, outros instintos afloram e tornam-nos insensatos, egoístas e, principalmente, irracionais, assim como Juliana, personagem de *Eça de Queirós*, que é descrita sob todos os ângulos de forma negativa, o que leva o leitor a antipatizar violentamente com sua aparência e seu semblante de aspecto contrariado, invejoso e infeliz. O narrador define seu caráter, cria a antipatia entre o leitor e a personagem, reduz qualquer investida de um olhar mais condescendente em sua direção. Sua análise não necessita de outra interpretação por parte do narratário, ela é incisiva, objetiva, tem o alcance desejado pelo autor e não deixa margem para nenhum questionamento sobre a personagem.

No trecho selecionado a seguir, o narrador informa que o ódio era um hábito para a personagem. Em outra passagem, ele a descreve como invejosa, sentimento que “se exagerou de um modo áspero”. Esta combinação de sentimentos, um resultante do outro, torna a personagem estranhamente infeliz, pois esta infelicidade foi cultivada por ela de uma forma fulminante, geradora de mais rancor e mágoa, num ciclo constante e definitivo. Para o leitor, a imagem da personagem é formada e fixada negativamente, sem possibilidades de alteração, e esta sensação percorre todos os episódios envolvendo a personagem Juliana:

¹⁷ SARAIVA, Juracy Assmann. *Memórias póstumas de Brás Cubas: edição e errata*. In: _____. O circuito das memórias em Machado de Assis. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993, p.51.

¹⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 29.

Sempre fora embezerrada. Fazia a sua obrigação, comia, ia estirar-se sobre a cama (...). A necessidade de se constranger trouxe-lhe o hábito de odiar: odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril. Todos os lutos a deleitavam – e sob um xale preto, que lhe tinham comprado, tinha palpitações de regozijo. Tinha visto morrer criancinhas, e nem a aflição das mães a comovera; encolhia o ombro: “Vai dali, vai fazer outro. Cabras”¹⁹.

Retomando a crítica que Machado²⁰ fez a Eça quando da publicação de *O primo Basílio*, Juliana é considerada como “o caráter mais completo e verdadeiro do livro”. Realmente, Juliana cede aos seus instintos coerentemente, é descrita como uma “pobre coitada”, vive e morre desta forma, evidenciando um caráter extremamente rabugento, vingativo e fatal.

Quanto ao caráter, o de Brás era forjado pelo mimo excessivo, que leva a um intenso egoísmo, comum aos insensatos e inconsequentes. Como “o menino é o pai do homem”, sentença de um poeta citada pelo narrador, Brás Cubas adulto também era egoísta. Muitos são os relatos narrados em que percebemos tal inclinação, mas, quando Virgília esteve grávida, sem saber quem era o pai, ele achou natural e possível ter um filho com sua amante. Seu egoísmo inconsequente beirava ao desatino, pois ele não via motivos para que isso não ocorresse, pensava em si, em como seria, sem levar em consideração os sentimentos dos demais, principalmente o de Virgília. O Brás adulto reflete o menino, e essa sentença do poeta serve como mote para o narrador classificar o indivíduo adulto Brás Cubas, e também para expor as análises acerca de sua vida:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. (...) Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelos rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas desta jaez, eram mostras de um gênio indócil²¹.

¹⁹ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria. *O primo Basílio*. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 71.

²⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O primo Basílio*. In: _____. *Instinto de nacionalidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999, p. 56.

²¹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 37.

O narrador-defunto-autobiográfico sente-se um pouco orgulhoso em concluir o que fora quando menino e também livre para declarar que era um menino endiabrado. Ele viveu esta aventura infantil, contou com o apoio do pai e o carinho da mãe. Desta forma, segundo Saraiva²² “a ausência de vida lhe garante a ousadia de nada negar e permitir-lhe, também, a declaração de um veredicto”. Sua intenção narrativa alcança seu objetivo de levar o leitor a raciocinar e chegar a conclusões sobre ele. Neste sentido, a função hermenêutica está presente nas características deste narrador, pois podemos antever e entender porque ele narra suas memórias do fim para o começo, incluindo sua infância, que está no início de sua vida, mas que demonstra o que será no final. Conforme Saraiva:

Embora a palavra do narrador seja complementada pela palavra do leitor, configurando-se o caráter intersubjetivo do relato, resguarda-se a posição hegemônica do primeiro, pois somente ele tem o domínio do conhecimento resultante da mudança, da passagem de uma condição a outra. A experiência pode pronunciar-se sobre sua existência e, por extensão, sobre a dos demais homens²³.

A obra de Machado de Assis não teria o mesmo efeito na receptividade se seu narrador fosse em terceira pessoa, pois as atenções deste livro escrito “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” são voltadas para o defunto-autor, para sua narrativa livre e irônica, ironia esta que também atinge Brás Cubas, a personagem, o homem e, por conseguinte, a raça humana, que ele representa. Deste modo, ainda citando Saraiva:

A singularidade do modo de narrar faz com que convirjam sobre o processo e sobre seu produtor as atenções da audiência, enquanto os pronunciamentos metaliterários configuram, na narrativa, um novo núcleo temático – o da narração -, concomitante e interdependente do núcleo temático do narrado²⁴.

²² SARAIVA, Juracy Assmann. *Memórias póstumas de Brás Cubas: edição e errata*. In: _____. O circuito das memórias em Machado de Assis. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993, p. 55.

²³ Idem, p. 53-54.

²⁴ SARAIVA, Juracy Assmann. *Memórias póstumas de Brás Cubas: edição e errata*. In: _____. O circuito das memórias em Machado de Assis. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993, p. 68.

Escrever com a tinta da melancolia, para o narrador, é refletir sobre o que viveu, lembrar o esquecido e sentir as mesmas sensações de outrora, quando vivo, já que, de acordo com Freud:

A melancolia caracteriza-se psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas e pela depreciação do sentimento-de-si

²⁵

Melancólico estava Brás quando resolveu ir para sua chácara na Tijuca, onde se escondeu após a morte da mãe. Ali, ao ler Shakespeare, uma frase chamou sua atenção e então entendeu o que estava sentindo, pois ele concordava com o poeta quando este disse que é “bom estar triste e não dizer coisa nenhuma”. Como experiência melancólica, esta sensação serviu para Brás perceber que o que tinha era uma fobia, a hipocondria, pois o luto pela mãe passaria a seu tempo, e Brás voltaria a cidade, e assim foi.

Em *O primo Basílio*, Jorge, após a morte de Luíza, entra em um estado de luto que, conforme Freud²⁶, é “a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal, etc”. Porém, este estado é passageiro, e as pessoas passam, aos poucos, a seguir sua rotina.

Àquela hora Jorge acordava, e sentado numa cadeira, imóvel, com soluços cansados que ainda o sacudiam, pensava nela. Sebastião, no seu quarto, chorava baixinho. Julião, no Posto médico, estendido num sofá, lia a revista dos dois mundos. Leopoldina dançava numa *soirré* da Cunha. Os outros dormiam. E o vento frio que varria as nuvens e agitava o gás dos candeeiros ia fazer ramalhar tristemente uma árvore sobre a sepultura de Luíza²⁷.

As reações das personagens à morte da protagonista relatadas intencionalmente pelo narrador sugerem que Luíza viveu e não deixou muita saudade, a não ser para Jorge, que a

²⁵ FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2006, V.II, p. 103.

²⁶ Idem

²⁷ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria. *O primo Basílio*. Porto Alegre: L&PM, 2008, p.414.

amava. Sebastião, que a ajudou a se desvencilhar de Juliana, estava triste por seu amigo, já Julião continuou normalmente em seu serviço, tratando de amenidades. O Conselheiro Acácio, por sua vez, ao fazer um necrológio para Luíza, pensou vaidosamente em como o público do jornal o receberia, e dona Felicidade sofria, adoentada, por saber que o Conselheiro tinha uma amante.

Nas palavras do Visconde Reinaldo, narradas em discurso indireto, há uma leitura amarga de Luíza. O narrador faz um levantamento de sua vida como amante, situação que resultou em sua morte, e a descreve praticamente como inútil.

Mas a verdade é que não era uma amante *chic*, andava de tipóias de praça; usava meias de tear; casara com um reles indivíduo de secretaria; vivia numa casinhola, não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ouro; não tinha espírito, não tinha *toilette*...que diabo! Era um trambolho!²⁸

As palavras do narrador objetivamente caracterizam a vida de Luíza. Sua fraqueza de espírito é notável, ela sofreu e morreu em vão, e Basílio continuou sua vida apenas ressentido, pois ficara sem mulher. Nesta passagem, a narrativa conclui para o leitor, pois ele não precisa refletir acerca das informações passadas por ela. O narrador onisciente formado em terceira pessoa não apresenta a função hermenêutica, mais constante nos narradores criados em primeira pessoa.

As obras analisadas são de dois grandes nomes da literatura de língua portuguesa. Seus narradores, embora diferentes, foram criados com objetivos elencados conforme o interesse do autor. Em *O primo Basílio*, Eça de Queirós demonstra mais uma vez sua grande habilidade como romancista, cria um cenário que representa a sociedade da época, criticando seus costumes e tradições. Seu narrador está atento a todos os detalhes acerca das personagens. Por ser em terceira pessoa, portanto onisciente, suas descrições são categóricas e finais, os diálogos, normalmente em discurso indireto, não deixam muito a ser interpretado pelo narratário, pois suas considerações sobre os fatos envolvendo as personagens definem cabalmente suas características e fazem o leitor imaginá-las da forma como ele as narra. Neste tipo de narrador, a função hermenêutica não está presente em todos os relatos, pois é por meio do olhar do narrador que vislumbramos toda a narrativa, e é sob seu juízo que a interpretamos.

²⁸ Idem, p. 416-417.

Por outro lado, para Machado de Assis era necessário que o narrador fosse em primeira pessoa, pois o livro trata das memórias do protagonista. O novo e inusitado é o fato deste ser um defunto-autor, que é livre para narrar sua vida, refletir sobre ela e chegar às conclusões que quiser. Ele dirige a interpretação do narratário, mas também deixa que ele se envolva na narrativa e, sutilmente, o influencia com suas digressões e também quando chama sua atenção diretamente. A função hermenêutica, que garante ao leitor várias possibilidades de interpretação, está presente neste narrador de Machado de Assis, que, com ironia e comicidade, cria personagens geniais, trazendo uma nova forma de narrar para a literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

EÇA DE QUEIRÓS, José Maria. **O primo Basílio**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O primo Basílio**. In: _____. *Instinto de nacionalidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____; MILHEIRO, Maria do Rosário. **A construção da narrativa Queirosiana**. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa: 1989.

SARAIVA, Juracy Assmann. **O circuito das memórias em Machado de Assis**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1993.